



O Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Ano XIII — N.º 338 — Preço 1\$0
16 DE FEVEREIRO DE 1957

Propriedade da OBRA DA RUA — Director e Editor: PADRE CARLOS
Vales de correio para Paço de Sousa — AVENÇA — QUINZENÁRIO

FUNDADOR
PADRE AMÉRICO

Composto e impresso na Tipografia da Casa do Gaiato — Paço de Sousa
Redacção e Administração: Casa do Gaiato - Paço de Sousa

FACETAS DE UMA VIDA

Não conhecia o Padre Américo, melhor dizendo, nunca o tinha visto. Não se desconhece quem, pelos seus feitos de beleza surpreendente, sem pro-

surgiram ao simples gesto des-se Iluminado!

Tornou-se um «Mendigo» para dar de comer a quem o não tinha, para encher de amor



Africa — 1952.

curar impor-se, entra na consciência e na alma dos que podem sentir, como um aviso do Céu ou lição dum Iluminado. Sabia, que um apóstolo da Caridade não pregada somente, mas vivida segundo o Evangelho, se debruçava sobre as maiores misérias para as atenuar ou suprimir. Sabia, que o Padre Américo não era somente um apóstolo da Caridade. Era o despertador de sentimentos, que existiam escondidos no íntimo de tantos, sem que disso se apercebessem, e que a doutrina do «Mestre» pregada por Ele chamou à superfície.

Era um grito de revolta perante lágrimas, cuja causa adivinhava, e que a sua alma sabia sentir, mesmo antes que os seus olhos as tivessem visto. Vibrava de mágoa ante a indiferença de quem (eram nós todos!) não cumpria a obrigação de socorrer e amar, tanto mais quanto mais desgraçados, os nossos irmãos em Cristo.

Mas em especial o sofrimento, o abandono de uma criança, factos tão anormais que nos parecem fora das leis da humanidade e da vida, eram uma dor permanente a apagar-lhe nos lábios, se acaso se esboçasse, um sorriso.

E Padre Américo não sorria, chorava e rezava. E para dar aos pequeninos o apoio que lhes negavam e o amor que nunca sentiram na sua triste sorte de abandonados, Padre Américo despertou consciências adormecidas, deu-lhes pelo exemplo e pela palavra a grande felicidade de praticarem um bem até ali desconhecido. Quantas bondades

os corações, que amor reclamavam.

E não tinha visto ainda o Padre Américo!

Limitava-me a bendizê-lo, a agradecer o que, de melhor tinha trazido à minha vida pelo seu exemplo, pela sua palavra de justiça e de amor.

Colaborava no limite das minhas quase nulas possibilidades, com um assinante a mais para o seu jornal. Em troca recebia em bilhete postal—gé-

nero telegrama — um bilhete como esta «Ó preciosa colaboradora! Padre Américo».

Cada uma das frases de Padre Américo é um conceito para meditar e seguir. Qualquer afirmação por mais singela que seja, por mais que a julgemos dentro de nós, portanto desnecessária, tem um sentido oculto, faz surgir o sentimento de um Bem-Fazer, que sem darmos por isso, praticamos aperfeiçoando-nos. Quanto eu devia ao Padre Américo!

Certo dia, com o interesse de sempre e elevada comoção meditava um dos seus artigos. Referia-se a uma carta de alguém, que o insultava por trazer para ali o pior «lixo», que andou reunindo por diversos pontos.

Que serenidade na defesa, que era a mais profunda e sincera acusação.

Nada de censura. Eram sim palavras de mágoa pela incompreensão daquele insultador.

Escrevi nessa altura ao Padre Américo com as lágrimas de emoção que as suas palavras provocaram em mim. Resposta. «Lágrimas! A melhor tinta com que se escreve, Padre Américo».

Passado algum tempo, em uma das vindas a Lisboa, veio trazer com sua presença uma grande alegria a esta casa.

E sempre que aparecia, era como se eu recebesse uma bênção do Céu.

Domitilla de Carvalho

AQUI, LISBOA!

Na história dos nossos rapazes deparamos com as tonalidades mais opostas! O S. Vicente foi dos nossos. Chegou a ser serralheiro. Posteriormente cumpriu pena na Tutoria da Infância. Absolvido recolheu-se a casa do pai que por imposição o abrigou. Contudo o rapaz é ali um estorvo que convém afastar. Os maus tratos sucedem-se. A porta abriu-se de novo. E ele de novo na rua. O pai não ama o que é seu, num comportamento estranho e em desacordo com os irracionais, porque nenhum deles rejeita o ser que criou. O homem, porque racional e li-

vre, sim! Enjeitado e contrito o S. Vicente apresenta-se no Tojal, disposto a comprovar sua contrição, sujeitando-se ao trabalho do campo, como ficou entre nós assente.

Este reconsiderar do rapaz, em tempo de pensar mais concentrado e amadurecido, sobre o caminho recto que lhe foi apontado, dá-nos alento constante para enfrentar o pouco aproveitamento presente de alguns, e até as mágoas e dissabores de outros. Já muitos curaram chagas que nos abriram com o porte digno que hoje levam.

Mas esta rejeição de que foi vítima o S. Vicente na sua experiência forçada de desertor verifica-se com triste frequência.

Erriaditas

O «Infantário Pai Américo» navega a todo o pano. Eu fui por lá há dias. Se a lotação ainda não está esgotada, não faltará muito. Na sala de repouso dormiam os «bebés» em suas canastras amorosamente alindadas pelas mãos daquelas boas «fadas». Para cá da grade onde se encontram as cadeiras de comer dos ditos bebés, os do segundo grupo esforçavam-se por adormecer em

Por isso pasmamos, quando o amor dos pais é esquecimento e renúncia de si para uma dedicação total aos filhos.

Por ser recente, deponho este exemplo: O Albino de onze anos tem mais seis irmãos. O pai preferiu o calor do outro lar e deixou-os sós. Entretanto a apatia dos responsáveis deu fé e tolerou. A mãe cancerosa mal se susteve no trabalho a dias, de que auferia, para escudos, muito escassos, para a renda do quarto. Quem lhe vale é o Albino com trezentos mensais ganhos de «paquete».

Mas, as ruas de Lisboa por onde ele anda são de basalto polido por gente ociosa, e por conseguinte escorregadios. Aquela mãe teme com razão a sorte do filho. Acha um crime tal sujeição. E afinal tantos, porque o são de facto os empregos prematuros para menores. A maior parte destes ocupa lugar nos quadros da vida de trabalho logo após a instrução primária. Seja por necessidade familiar ou exploração patronal, trata-se sempre de crime. Aquela mãe apercebe-se do perigo e bate-nos à porta. «Tome conta do meu mais velho. Tire-o da rua. Antes perder o ganho do filho do que o filho». Esta mãe apavora-se com o futuro do filho. Consciente da sua missão, arrisca-se aos maiores sacrifícios para a desempenhar. Isto é heroísmo e martírio e um contraste frustante com o vulgar dos pais destes nossos rapazes. Dar a vida, o pão e o vestir não é tudo para os pais. Acrescer-lhes um curso ou uma profissão é adicionar somente um complemento, mas não é tudo ainda. Os valores morais sobrepõem-se. Salvaguardá-los e aperfeiçoá-los é levar à perfeição o dever dos pais.

Cont. na terceira página



A comunicação que ao tempo aqui fizemos do desejo daquela tuberculosa dos Mercadores, que uma pobre vizinha satisfez, caiu no coração de muitos leitores. E os donativos «para a que desejava um bife» têm chegado numerosos e quentes, das mais diversas proveniências. A última vez que lá estivemos deixamos-lhe a especial recomendação de repetir os bifés, segundo a intenção dos doadores.

Hoje, porém, damos uma notícia ainda mais feliz. Ela foi chamada ao sanatório. Em breve será «desenterrada» daquele lojão inóspito onde tem de finhar. E os ares e os bifés, mesmo sem desejo, e, sobretudo, a força intrínseca dos seus 23 anos hão-de operar a «ressurreição». Espera-se que no regresso, outro lugar, de vi-

da, a aguarde e que aquele buraco sórdido, que mais fala de morte, se feche para sempre à espécie humana.

Antes desta visita subimos pela primeira vez uma escada negra da Banharia. Foi uma recomendação daquela que antes do Natal nos queria dar açúcar para as rabanadas.

O quarto mede 2x3 metros. Uma cama de casal, um estreitíssimo corredor e uma cama pequena enchem-no à largura. Aos pés da cama outro corredor da mesma sorte e uma mesita com um fogareiro em cima. É a cozinha. O quarto é interior. A bandeira de uma porta é a única fonte de luz e de ar. Essa mesma porta «finge» que divide as famílias dos dois quartos, mas, na verdade, o que se passa num ouve-se e sente-se no outro, de tal modo,

que quase se vê também. «Vivem» ali, pai, mãe e os filhos, dos quais um e uma já passaram a casa dos vinte, e um filhito desta última com 22 meses, que ninguém lhes dá.

O pai de família, paralisado, jaz na cama há anos. Quando o tempo convida, vem até à janela do tal quarto vizinho a contemplar os «panoramas» bem limitados da Banharia. E é o seu ar e o seu sol de há muitos anos!

A gente sai de lá atordoado, sem saber se são aqueles pulmões infectos, ou aquelas almas forçosamente insensibilizadas pela promiscuidade, o que mais provoca a nossa vertigem.

A gente não se habitua, por mais que veja, a não ser que se conforme. E é justamente

Cont. na segunda página

Padre Baptista

PATRIMONIO DOS POBRES

Ele há terras felizes onde o Património não é preciso, ou remedeia os «casos» com uma ou duas unidades. Raras, por nosso mal, mas ainda as há. Estive há dias numa dessas terras. Era a entrega da primeira casa e o lançamento da segunda.

Antes, quis ver donde eles vinham. Os beneficiados daquele dia moravam numa casa de renda barata e só um nadinha mal dividida. Disseram-me que havia dois «casos» piores, mas que não tinham aceite a mudança. Ora a casa que eu vi, com um pequenino arranjo era susceptível de servir perfeitamente. Atendendo porém aos dois «casos» piores, estão bem aquelas duas casas, uma entregue, outra em construção; mas pare-se aí até novas urgências.

O problema da habitação das classes humildes estava tanto na alma do nosso povo, que o levantar da voz do Pai Américo ao dar à luz o Património, foi a vara milagrosa que fez brotar a torrente do rochedo. E o Património tornou-se uma bandeira. Um nome que, na opinião de Alguém de grande responsabilidade na vida nacional, «é uma benção e uma fonte de muitas graças».

E assim, à sombra do Património se procura resolver a diversidade dos problemas da habitação dos humildes. Ora isto, às vezes, gera um bocadinho de confusão, de santa confusão, porquanto ela é um índice da boa vontade de quase todos na solução dos casos de um grupo, que abarca, mau grado nosso, cerca de um oitavo da população de Portugal.

Ora o Património, no pensamento inicial de Pai Américo, destina-se aos indigentes. Leia-mos o artigo 7.º dos primitivos estatutos:

«A escolha dos ocupantes e beneficiários dos prédios deverá ser feita dentro do espírito da mais rigorosa justiça cristã, devendo dar-se a preferência em primeiro lugar aos mais indigentes, e dentro destes aos da família mais numerosa, devendo uns e outros dar a maior garantia do seu procedimento moral irrepreensível».

E o artigo 9.º dos mesmos diz que «esta ocupação a título precário e gratuito poderá cessar no caso de qualquer dos ocupantes vir a ter quaisquer recursos que tornem dispensável o benefício».

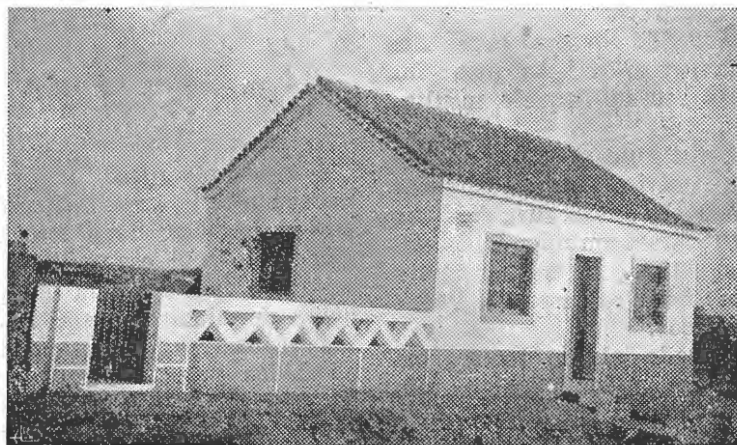
É pois o «pequenino bem» — como ele lhe chamava — que a igreja possui para «curar as feridas» mais urgentes de seus filhos mais sofredores. «É ela (a Igreja), a Mãe, que veste, que agasalha, que ampara, que dá os seios. Não é mais ninguém».

Por isso, estas casas são cedidas a título gratuito e precário aos pobres necessitados e indigentes da freguesia, não podendo a comissão cobrar a título de venda qualquer importância dos ocupantes que assim se não considerarem arrendatários» (art.º 6.º dos Estatutos).

Este o pensamento original. Mas o Património, solução humilde e pequenina como o grão de mostarda da parábola evangélica, nasceu «plenior» das mãos de Pai Américo. A semente germinou e depressa se tornou árvore frondosa, de sombra e de frutos. Do tronco primitivo irrompem ramos exuberantes de seiva. E este crescer encontra o esteio do povo porque corresponde a uma aspiração de que ele não dera fé mas que trazia no peito.

Concordemos pois que o Património é uma força arrastante. Uma casinha modesta e graciosa à beira duma estrada faz mais apologética que quantos bairros bá por aí. Não é a força da obra do homem. É a Força de Deus que inspirou e moveu o homem a realizá-la, sem adivinhar sequer a dimensão do movimento que lhe saía das mãos.

Concordemos pois que o Património é um «nome de benção e fonte de muitas graças». Que é de toda a vantagem lutar à sombra dele pela realização da Justiça num ponto tão fundamental como é o da ha-



A casa do Património, estilo própria da região em que é.



A Barraca, igual em todas as latitudes.

bitação. Mas haja o senso da diversidade dos problemas, que exige a diversidade das soluções.

Portanto não se bula, nem uma vírgula, no pensamento original de Pai Américo: casas gratuitas para os indigentes. E quando o caso em questão não for de indigentes, vamos, sob a bandeira do Património, para as soluções mais pedagógicas que a experiência e o bom senso nos ditar, mas com o cuidado de, sem equívoco, pôr cada caso no seu devido lugar.

Se Deus quiser, havemos de voltar ao assunto.

TRIBUNA DE COIMBRA

O apresentar das nossas contas é um grande acto de afirmação da existência de Deus para todos os descrentes e um hino de acção de graças para os que têm confiança.

Se não tivéssemos fé, não eramos capazes de encarar esta nossa vida. Ouvi uma vez da boca de Pai Américo: «a nossa atitude diante de Deus havia de ser uma atitude de rastos e mãos postas, tais são os favores que Ele nos concede».

E se em sua vida a nossa atitude devia ser de rastos, muito mais agora que não sentimos a sua presença física. Acreditamos piamente a sua presença do Céu. É ele que continua ao leme. Ninguém tenha dúvidas. Sentimos em tudo a sua presença e o seu arrojo e sabemos-lo em lugar seguro. Nem em vida sentimos tanto esta presença. Nós acreditamos na Vida Eterna. Nós acreditamos na Comunicação dos Santos.

Se não fosse esta nossa certeza e confiança, já teríamos

abandonado a barca. Deus tem-nos agitado tanto nos últimos tempos!

Mas é precisamente nas horas de maior tormenta que os marinheiros mais se agarram aos remos. Como naquele tempo Jesus parecerá dormir. «Porque temeis homens de pouca fé?»

Que a nenhum de nós Jesus possa fazer esta censura! A barca continua; o timoneiro é o mesmo; o Senhor da barca é também o mesmo do Evangelho; os pescadores serão ainda tímidos como os de há dois mil anos. Mas o Senhor chama-nos e encoraja-nos. É nossa obrigação segui-Lo.

Gastamos com alimentação, vestuário e calçado, escola e assistência aos nossos oitenta rapazes e em esmolas a pobres e doentes 222.770\$80. Terminamos o edifício das oficinas e outras pequenas obras, onde gastamos 76.683\$50. Apetechamos as nossas oficinas com algumas máquinas no valor de 30.330\$00.

Barredo

—Continuação da primeira página—

esta conformação o grande mal que traz sonâmbula a nossa sociedade e a deixa tranquila, a comer o seu pão e a dormir o seu sono, como se isto não fora. E isto não deixará de ser enquanto não acordar no mais íntimo das nossas almas o inconformismo que causa a decisão. Sim, nós saímos atordoados daqueles lugares e não encontramos cá fora senão atordoamento no «turbilhão que passa» e não quer saber aquela verdade, para continuar no engano do seu pão que não sacia e do seu sono que não repousa, porquanto este pão e este sono são comprados, quantas vezes! por preço de sangue.

Não nos habituamos e também não nos queremos conformar. Queremos saber e não queremos o remorso de silenciar. Por isso rasgamos aos olhos de quem quiser as janelas que não há em tantas «casas» da Banharia e dos Mercadores, para que o mundo se inquiete, se doa e se dê mais a procurar o pão da Justiça que sacia, o sono da Paz que repousa.

Os nossos vendedores de «O Gaiato» trouxeram-nos 66.757\$50 da Figueira da Foz, Coimbra, Miranda, Lousã, Castelo Branco, Fundão e Covilhã. Os nossos subscritores de Coimbra confiaram aos nossos dois pequenitos cobradores 9.707\$00. Nas igrejas onde fomos pedir depositaram em nossas sacas 33.076\$50. Pequenos trabalhos para fora nas nossas oficinas renderam 2.418\$50. O Estado pela Assistência participou-nos com 60.000\$. A Câmara de Coimbra este ano mais generosamente nos presenteou com 15.000\$00. Os 143.456\$10 que recebemos não demos fé donde vieram. Só Deus pôde registrar.

Uma das nossas maiores alegrias do ano findo, que nos trouxe tantas surpresas e tão tristes, foi o funcionamento das oficinas. Ali é agora o nosso encanto. Cada rapaz atento e agarrado ao ofício que escolheu. Nós escondidos deliciamo-nos e bendizemos a Deus

Continua na página três

AGORA

A «procissão» sai, perante do calor irradiado por cada um dos que nela participa. Esta é a procissão que nunca mais recolhe. E não cansa. Não cansa aqueles que participam sempre nem os que aparecem para render quem falta. É que vai nela Cristo Jesus. «O que fizeres ao mais pequenino dos teus irmãos... é a Mim». Por isso a presença incansável de todos. De todos que se incorporam para selar deveras a incorporação em Cristo principiada na pia baptismal. Quem ler estas colunas com olhos de ver números, profana. Esta leitura é um acto de religião. Um acto de penitência. E como a procissão é um acto público, temos nela um acto de penitência pública. Não admira pois que apareça «uma impura pecadora» com uma migalha de 200\$, «para que os outros tenham o que eu não tenho nem espero ter». Quantas pecadoras impuras por esse mundo além, vítimas de uma sociedade onde o erro tem foros de cidadania ao lado da Verdade! Quantas! Quantas que não têm nem esperam ter o que outros sim e elas deviam ter também! Daquelas casinhas-mealheiro que estão armadas aos incautos em vários recantos do Porto, chegaram 143\$40 da Foz-Beleza e 209\$60 dos Telefones da Batalha.

Ouçamos a comunicação desta intenção dez vezes piedosa: «Para obter junto de Deus que os meus cinco filhos possam contribuir com os seus primeiros ordenados, a breve prazo, para oferta de uma casa ao «Património». Apetece agora concluir, à maneira de antiga liturgia: Oremos... E oramos mesmo com esta mãe que pede a Deus saúde para todos podermos cumprir a nossa missão individual». Presenças de sempre justificam uma vez mais o adverbio sempre: Ele é o do plano decenal com a 12.ª prestação do 2.º ano. Ele é a 6.ª mensalidade de 50\$ do assinante 6790. Mais a Alda, da Beira, que envia 1.000\$, «a amortizar a minha dívida de uma casa para pobres». O preciosa consciência! Dever uma casa aos Pobres! Como seria bom, e até fácil, regressar ao Paraíso terreal! E o que já deu a Casa de Santa Lúcia com mais 1.500\$, fica agora nos 8.500\$ para a segunda. Para a «Casa do António e do Fernando», a segunda e terceira prestação. Mais 300\$ de Rio de Moinhos, ao pé de Abrantes, respeitando ao 2.º semestre de 56.

Outros começam agora. Um médico, amigo de muitas ocasiões, manda os primeiros 5 mil para uma casa. Helena, começa a sua com 100\$ que se propõe repetir, mensalmente. E de Águas Santas alguém faz o mesmo com cinco vezes mais e baptiza já a «sua» casa. Chamar-se-á «Lar de S. José».

Finalmente vêm os trabalhadores de muitos trabalhos.

É a Administração da Hidro-Eléctrica do Cávado com o seu 2.º semestre de 56, igualzinho ao do seu Pessoal. São 10.389\$60. E logo este aparece com a fêria de Janeiro: 2.235\$60.

Outro estandarte. São os TAP, o Pessoal navegante dos TAP, com a sua Casa. Ó alturas! Quem dera que aqui também a Administração dos TAP, tomasse alturas e ao menos voltasse a dar-nos a boleiazita entre Porto e Lisboa, agora que o governo desta barca nos obriga tanto ao cá e lá, e o tempo nos custa os olhos da cara. Candidinha e seu pessoal surgem com a 5.ª prestação de 400\$. Belarte com a 3.ª, fica em 6.500\$.

Os funcionários da Caixa de Previdência do Comércio do Vinhos do Norte trazem uma telha de 120\$. Mais 100\$ do Bairro Costa Cabral e 219\$, referentes a Janeiro, do Pessoal do Grémio de Panificação. Os sócios do «Lar Familiar», mais os operários que trabalham nas casas que aquela cooperativa está construindo ao Pinheiro Manso, reuniram 2.216\$30.

Para a «Casa dos Funcionários da D. S. E. e Estação dos Restauradores», estes juntaram 12.835\$50.

E finalmente os Funcionários da Caixa Textil com uma casa e esta legenda:

«Palavras para quê?...

Se só uma casa mais é que conta para dar abrigo a mais uma família desprotegida.

Que sigam o nosso exemplo os colegas das outras caixas em memória do saudoso Pai Américo são os nossos votos ardentes».

P. S. — UM ANÚNCIO — Na Capela das Almas, no Porto, no primeiro domingo após o dia 16 de cada mês, a missa do meio dia é por alma de Pai Américo e ao fim os vicentinos de lá

CAMPAÑA DOS CINQUENTA MIL

Não é sempre, mas lá de vez em quando aparece o ou a assinante que se dirige ao nosso jornal e esconde-se no anonimato: «envio x para a assinatura. Uma assinante». Para outros fins está certo. Recomendável. Porém, quanto ao jornal os senhores tenham paciência. Façam favor de mandar nome, morada e, se possível, o número da assinatura tal qual vai no endereço de cada um, impresso no cabeçalho do «Gaiato». Quando não, é um caso sério aturar o Roque. E ele tem certa dose de razão: «Pois é, mandam pra cá isto assim e vamos lá adivinhar. Depois há queixas e a gente é que paga. Olha que são mais de 30.000 fichas!» Por fichas saiba-se que temos o serviço um nadinha modernizado. Assinante que chega de fresco arma-se logo uma delas e vai para o seu lugar, por ordem alfabética. São uns ficheiros de invejar! Os senhores venham cá. E vejam como tudo é primoroso. E tomem nota da queixa do Roque. Combinado?

São horinhas de entrar na Campanha. E ele há tanto para dizer, meu Deus! Tanto! Mas que, a abundância de original é de tal ordem que sobra, sobra sempre. Ora isto é uma Graça. Uma Graça Divina. Por isso, demos louvores a Deus.

De Nampula vem uma carta que não resistimos a publicar. Ei-la:

«Aqui, como aí, é conhecido «O GAIATO» e há assinantes seus. Mas muitos mais leitores do jornal haveria se fosse encontrado um processo prático de se fazer chegar o «Famoso» às mãos do futuro leitor sem o obrigar a macer-se com isso. Assim se ajudaria a Campanha dos Cinquenta Mil e se faria entrar o jornal em casas onde não entra e poderia fazer bem.

Baseados nestas considerações resolvemos adoptar uma solução que iremos ensaiar no ano corrente: a LIC, para começar, responsabiliza-se pelo pagamento de 25 assinaturas; os números serão postos à venda à saída das missas, na nova catedral de Nossa Senhora de Fátima.

Por não termos dinheiro disponível pagaremos no fim do ano».

Ainda há pouco dizíamos que era melhor deixar falar os leitores. Aqui está um alvitro e vem do Ultramar! Viva a LIC de Nampula!

Há mais, senhores. Há mais cartas. Uma de Elvas diz que «é muito difícil, aqui, na sua terra, conseguirem-se assinantes... Contudo conto com mais dois dentro em breve». Senhores elvenses; sinto-me verdadeiramente triste. Muito triste. Uma cidade tão linda. Tão antiga. Tão cheia de pergaminhos. A minha terra natal! E «é muito difícil, aqui, conseguirem-se assinantes...» Oh dor!

Atenção Horta-Açores! Recebemos a lista. Uma lista cheia! Olhe que temos medo.

guardam as portas de saca na mão. É pró Património dos Pobres. Como «homem prevenido vale por dois...» aí fica o aviso.

Não sabemos se as pessoas deram o seu consentimento. Pertencem àquela espécie de assinantes que intitulamos de «prováveis»? pelo sim, pelo não, aguardam inscrição e seguem os jornais à experiência. Para evitar isto não mandem nomes sem acordo dos propositos. A propósito, alguém envia uma e acrescenta: «é uma nova assinante que não devolverá o jornal». Trabalho perfeito. Temos outra carta, outro exemplo: «Aí vai o Senhor x que já está conversado e convicto». Porque não todos assim?

Não há dúvida, as honras da coluna vão para membros da Acção Católica. Depois da LIC de Nampula é de salientar o esforço das jocietas de S. Martinho do Campo e uma outra jocieta da Invicta que se apresenta com sete.

Júlio Mendes

Tribuna de Coimbra

(Continuação da seg. página)

por todas as suas maravilhas operadas pelas mãos dos homens.

Outra grande alegria foi o Retiro Espiritual que os nossos com mais de quinze anos fizeram na Senhora da Piedade. É um banho espiritual e salutar que todos tomam e que os há-de preservar por um ano fora.

«De mãos postas e de rastos deve ser a nossa atitude diante de Deus».

Padre Horácio

Visado pela
Comissão de Censura

Criaditas dos Pobres

Cont. da página UM

suas cadeiras de Iona. Fui ver os cobertores que os envolviam. O «milagre» dos farrapos de chita repetia-se ali. Mas a verdade é que os pequenitos estavam bem quentinhos.

Subimos. O refeitório está um amor. Nas prateleiras canastras pequeninas que guardam a costura das pequenas aprendizas. Entre as canastras brinquedos, alguns até usados e velhos. Mas ali o «milagre» consiste justamente na sensação de beleza e de conforto, tirado do que se costuma ter por desprezível.

Na cozinha o fogão primitivo tornou-se insuficiente para o pequenino povo de algumas dezenas de crianças. As criaditas já tinham lançado um S. O. S. a que me fiz surdo. Porém, houve alguém de melhor ouvido. É um industrial da especialidade que tomou a obra por sua conta disposto a sacar somente de Deus. Dentro de poucos dias os ais da Irmã-cozinheira não mais serão.

Temos pois as Criaditas lançadas no Porto. É preciso que o Porto as não perca de vista. Por enquanto têm sofrido ain-

de ocupados como somos por mil e uma coisas que reclamam instantemente a nossa atenção, nem tempo temos para ler os jornais. O que vale são os rapazes trazerem às vezes notícias da actualidade, para não ficarmos de todo em branco sobre o que vai pelo mundo.

Há porém assuntos que dizem respeito à nossa missão. Esses importa conhecê-los. Pois a selecção «Recorte», de Lisboa, mantem-nos há muito a par do movimento assistencial, especialmente o que se refere à formação de rapazes e às construções para Pobres. É um donativo de grande valor, que muitas vezes me lembra registar e sempre me tem esquecido de o fazer.

Hoje porém não me esqueci e cá estou soltando um viva à selecção «Recorte».

Mais 67\$50, «o 1.º dinheiro que recebi dum curso de adultos». É uma professora que visa fins muito altos: «Eu quero em troca que o Pai Américo peça ao Senhor que eu consiga atingir a alma de cada homem, de cada mulher que passar pelo curso». Outras primícias: 300\$ respeitante ao 1.º aluguer de um estabelecimento comercial. Metade de Lourenço Marques por graças recebidas e menos cincoenta do Artur e Mariazinha. «Uma rapariga que deseja a felicidade» manda 100\$. Quem é que a não deseja? Sômente os homens muitas vezes se deixam iludir por aparências a respeito dela. O mesmo duma viúva por promessa. O pessoal da Mobil Oil do Porto depositou no Baneo 1.078\$ de uma vez e

58\$50 de outra. Por intermédio de «O Comercio do Porto» 75\$. Quinhentos de V. N. de Ourém; 200\$ da R. Oliveira Monteiro, Figueiró dos Vinhos 80\$ com cumprimentos agradecidos. Mais mil de Lourenço Marques. É uma incumbência de «duas irmãs». E 170\$ de Lisboa e uma caixa mealheiro e uma garrafa de licor do Café Universidade e 50\$ por devoção. O mesmo de «uma peçonhosa» que «pede uma oração pela sua paz de espírito». Mais uma migalha da Rita e 20\$ de Peniche. É uma amiga da Obra. Não «uma amiga de Peniche»!

De Alfândega da Fé, 500\$ «por alma de minha irmã»; outro tanto de Maria Rogélia e ainda o mesmo de Lourenço Marques.

Da Lixa um embrulho de lençóis bordados. Um brinquinho de bragal! «Um Américo» teve agora oportunidade de ocupar as horas livres. E aí vem com 50 por cento da primeira comissão que, «para castigo da demora» arredondou por ex-

cesso para 100\$. Ora saibam os senhores que aqui também há juros de mora... Mas são livres! 220\$ da Sãozinha e do Carlitos, de Vicaime, provincia de Moçambique. Quase o triplo de um aumento de ordenado e 84\$20 dos Guindais. Os «dois amargurados» aparecem com os costumados 50\$ e os nossos Pobres são lembrados com 170\$ e duas vezes 50\$ e mais uma migalha de M. J.. Também uma vez ou outra nos têm confiado pequeninas quantias prás Criaditas dos Pobres. Do Grémio dos Retalhistas de Mercaria os habituais três contos do fim do ano.

Finalmente, a nossa Johannisberg que foi lembrada com 150\$ da R. Galeria de Paris, mais 200\$ de Cândida e quatro vezes menos da Horta e 1.000\$ que «são enviados com um propósito interesseiro, pois espero receber em troca os livros do Pai Américo». Este último é de Luanda, mas cedo lhe chegou o eco desta nossa urgência.

Desde a última vez ficamos, pois, a dever: 347.240\$00.

Chales de Ordins

Começo por uma carta. «Como assidua leitora do Jornal «O Gaiato» uma das secções que me chama mais a atenção é a dos Chales de Ordins. Sou alentejana e embora viva afastada da minha terra, sinto os seus problemas sociais e lamento não os poder resolver». É Castelo de Vide. Alguém se aflige. Alegrem-se os Pobres. Também, na passada Exposição Agrícola do Porto, um senhor chegou-se a mim e segredou que ia introduzir a tecelagem de linho na vizinha Sobreira do Douro.

Não o movia a ambição, mas a Caridade. Se mais frutos não se colhera da dita exposição, valera a pena tê-la organizado, ao menos para ouvir uma tal revelação. Quando em cada freguesia houver uma alma, ao menos uma, que se affija diante da Miséria, as coisas não ficarão no mesmo pé. E, se nem uma, sinal de que todos dormem. E, se, apesar de tudo, dormem, sinal é de que estão mortos. Urge educar as almas nos problemas da Justiça e da Caridade. Formar consciências para que elas ouçam os gritos do próximo caído na desgraça. Ouçam. Aflijam-se e actuem. Nem só fundando artesanatos se pode acudir aos Irmãos mais necessitados. O caso de muitos jornalheiros de enxada chama aos Céus. Não é a lavoura a culpada. O lavrador, sim, muitas vezes. E, no reparir do pão do corpo, deve ir juntamente o pão do Espírito, com uma palavra de conselho, pugnando sempre pela elevação do próximo, sob todos os aspectos. E quem é obrigado a um tal programa? Quem? Todos nós. Quem fugir é ser egoísta. É não entender as primeiras palavras do «Pai Nosso».

Ordins, de tanta correspondência recebida e de tantos chales encomendados, parece o centro do país. Todas as terras aqui se cruzam, até o Ultramar. Religiões, classes, profissões, sexos, aqui vêm dar. Por interesse, necessidade ou caridade, Ordins é procurado. Ora vejam:

Têm a primazia os de mais longe: Lourenço Marques (Moçambique), Lu-so (Angola) e Horta (Açores). Segue agora Lisboa. Enganou-se bem quem um dia disse que ela não se interessaria pelos chales. Lisboa todos os dias bate à porta da Capital — Ordins, com o melhor apreço pelo artesanato deste lugarejo perdido nas montanhas. Adjectivos como grande, grandiosa e meritória referem-se a esta obra pequenina, São palavras de Lisboa.

Há cartas que espirram saúde de alma. Uma mãe oferece um chale à sua filha próxima a ser também mãe. Quando encontrou agasalhado o seu tesouro, a mãe tem a mesma caridade para com a vizinha nas mesmas circunstâncias, grata por ser possível com tão pouco dinheiro dar um ar de luxo ao enxoval dos nossos queridos e desejados bebês. Os adjectivos finais mostram um mundo de luz, amor e pureza, na alma desta mulher de Parede (Costa do Sol).

Há riqueza toponímica nas cartas e vales que o carteiro me traz diariamente. Por vezes, a leitura oferece as suas dificuldades. Lemedo, Albais, Coutim, Silveiras, Galizes, Argivaí, Gavidinos de Cima, Tondela, Cardigos, Alcanena, Pontével, Atouguia da Baleia, Alandroal, Covas do Douro, Tamanhos, Serpins, Macedo do Peso, Odemira, estão sobre a minha mesa de trabalho, em postal ou carta. Meus filhos ofereceram-me um, que tem servido para amostra, e com este já faz 5. Vamos a ver se ainda mandarei vir mais». O mesmo desejo de nos ajudar não é só de Serpins. Muitas terras falam na mesma. Outras estão agora a despertar.

S. João da Madeira aqui vai com um amor tão fraternal e sem igual: este chale é destinado a uma irmã minha, que pode menos do que eu: tinha um filho no Brasil, que é quem lhe valia e ao marido, velhinho de 81 anos, mas acaba de ter a notícia do seu falecimento.

Geraldes agasalha uma doente e Lamego uma pobrezinha que está de cama, incurável e Alvaizere dá a conhecer a Obra da Rua, por meio dos Chales de Ordins e as Religiosas do Hospital de Cantanhede vão com 6 deles.

Deixaram-se contagiar por Ordins as terras de Moura, Figueira da Foz, Coruche, Viana do Alentejo, Paranhos da Beira, Melgaço, Castelo Branco, Cadaval, Nisa e Vizela. O mesmo amor em Vilar do Pinheiro, Gondomar, Estoril, Mirandela, Covilhã, Cafanha da Nazaré, Tomar, Póvoa de Lanhoso, Santarém e Caldas da Rainha.

Religiosamente aqui vai Coimbra, ao pé de Leça da Palmeira, Loures, Penhalonga, Prouença-a-Nova, Aveiro, Freixo de Espada à Cinta, Braga, Veiros e Monção. E irmanada na mesma devoção segue Avanca com Monchique, Porto, Gaia, Alpedrinha e Fafe.

Os senhores não se assustem por tudo terminar em Fafe. É agora que podem vir. As tecedeiras já dão vasão

(Continua na 4.ª página)

PELAS CASAS DO GAIATO

MIRANDA

— Amigos leitores, depois de um tempo de interregno volto a dar-vos notícias desta casa.

Eu por minha parte tenho-me descurado deste cantinho que o Pai Américo tinha como mais querido, pois foi aqui que de três pequeninos no ano de 1940, nasceu aquela grande ideia e realidade que hoje todos os portugueses e estrangeiros apreciam e amam. E digo amam porque se todos os nossos leitores não a amassem, esta grande obra nunca tinha chegado onde chegou.

— FÚTEBOL — Deslocou-se a Miranda o time de futebol afim de derrotar a equipa do Académico, que terminou com a vitória dos gaiatos por 9 bolas a 6. O resultado não traduz na realidade o que os gaiatos são, porque se o nosso guarda-redes não estivesse numa tarde cinzenta, o resultado teria sido outro.

Temos a salientar no Académico: Moura, Onório, Gilito e o pequeno José Maria, que foi o autor do primeiro tento e fez algum baile com o nosso defesa Nelas. Nos gaiatos: Afonso,

Octávio, Pião e Machado foram os melhores. Houve quem dissesse que já parecíamos o Benfica e que a fazermos assim, venceríamos qualquer clube. Mas para isso é preciso que o nosso guarda-redes não transforme a baliza numa caçoeira.

— Já mais que uma vez tenho falado acerca da nossa conferência que anda esquecida e aí estou de novo no princípio das minhas notícias: Se ando esquecido das notícias deste cantinho, os nossos leitores têm-se esquecido de nós e dos nossos pobres que tanto precisamos pois o frio aqui na serra da Lousã é tanto e eles são todos velhinhos e desamparados. Não os esqueçamos no último quartel da vida, pois eles têm filhos, que, como nós, têm os mesmos merecimentos.

José Dionísio de Figueiredo

TOJAL

É a primeira vez, caros leitores, que escrevo para o «Famoso».

E o simples facto de escrever para ele é única e exclusivamente o que se tem passado na nossa Conferência, pois

há já muito tempo que os senhores não o sabem.

O ano passado correu tudo bem, graças a Deus, embora tivéssemos lutado com grandes dificuldades, principalmente quando se aproximava o Natal.

Uma semana antes deste, o Sr. Padre Sobral com alguns dos nossos confrades foram pela freguesia, de porta em porta, e assim se arranhou alguns mantimentos e escudos. Com isto já pudemos dar aos nossos pobres uma bela consoada embora o nosso desejo fosse para mais. Contudo foi já uma bela consoada. Senão vejamos: 5 ou 6 quilos de cebola, 3 de batata, 1 de massa, farinha, arroz, 1 litro de feijão, duas belas postas de bacalhau, um quilo de café e de açúcar e um pacote com borras de Natal. Mas, como disse, o nosso desejo era dar mais.

Mesmo assim a despesa foi um pouco avultada. O cofre ficou só com alguns escassos escudos.

Estamos no ano novo, desde então para cá temos recebido alguns donativos, graças a Deus, mas...

E agora um pequeno toque para recordar os corações dos nossos leitores.

Portanto, caros amigos, não deixeis esquecida a Conferência do Tojal. Temos alguns pobres que merecem e precisam de grandes auxílios, mas não os socorremos porque as nossas posses não dão para isso. Entretanto, esperamos confiadamente nos senhores e que dentro em breve possamos auxiliá-los mais do que até agora.

Não vos quero aborrecer mais caros amigos.

ZÉ DO PORTO

BEIRE

— O cronista do ano passado, que está em Paço de Sousa a aprender a andar com o tractor, tinha mais sorte do que eu, porque vinham muitas roupas para os nossos pobres e agora como sou eu estou a ficar mal. Não temos tesouras de costura. Se por acaso os amáveis leitores tiverem algumas, não se esqueçam.

— Temos cá três funcionários, cada um em seu emprego. O Carlos — refeitoreiro dos porcos, O «Marreco», dos bois e vacas, O Zé Maria, a padeiro.

— A lamparina da nossa capela está muito triste porque o azeite não presta e as flores não as temos, por isso não se esqueçam.

— O nosso porco está a dar o adeus à vida e já podia ser se não fosse o estar doente. Vamos cheirar bastantes rojes.

— Já não temos bola nenhuma. Se houvesse uma é que era bom. Assim cantamos, olha a bola!...

Zéquita

PAÇO DE SOUSA

— Frio. Muito frio. Só se pára na cama ou ao lume, tal o frio que tem feito. De manhã, é dar volta pelas oficinas velhas e novas, escolas, etc., e lá estão grandes lareiras e muitos à volta. Para este efeito tudo serve: latas velhas, baldes, bacias e o que se apanha mais a jeito.

Isto com toda a gente, mas para onde vão os pequenos então muito mais. Onde andarem eles, lá anda uma lata, um arame a esta, brasas dentro e vamos embora...

Depois é a senhora da rouparia a queixar-se das roupas queimadas, os chefes das casas a castigar por as roupas das camas estarem sujas, e o chefe, e o Sepadre Carlos, e tudo!...

— Por intermédio do nosso grande amigo Senhor Joaquim Alves Teixeira, Digmo director do bi-semanário desportivo «O Norte Desportivo», que levantou a ideia de todos os clubes e associações nos oferecerem material do desporto e já são muitos os que levantaram o dedo. Presentemente acusamos as ofertas seguintes:

Casa Pia Atlético Clube, uma bola de futebol; Sport Clube Vasco da Gama, uma bola de basquetebol; Federação Portuguesa de Futebol, uma bola de futebol; F. C. de Infesta, uma bola de futebol; Juventude S. C., de Évora, uma bola de futebol; Sport Clube Castelo da Maia, uma bola de futebol, três de ténis e três camisolas; F. C. Avintes, uma bola de futebol; C. Desportivo de Portugal, uma bola de futebol; Desportistas de Torres Ve-

dras, 222\$00; A. D. Sanjoanense, 2 bolas de futebol; Vitória Sport Clube de Guimarães, uma bola de futebol.

A todos o nosso muito sincero obrigado. Toda a malta salta de alegria com estas notícias.

Sempre que tenham mais, já sabem como é... E os que ainda não levantaram o dedo, ainda estão muito a tempo de o fazer. É ou não é?

Cá ficamos esperando vossas notícias!...

— Continuamos a sintonizar com muito agrado o programa «A Voz dos Ridículos», que vai para o ar todos os domingos pelas 13,30, através dos microfones da Ideal Rádio do Porto. Para que este programa se apresente sempre de fato domingueiro contribuam o brilho da acção do imitador Mena Matos, dinamismo de João Manuel, nosso grande amigo, que é director do alegre e sempre jovem programa, a quem endereçamos nossas saudações e fiquem sabendo que... A Voz dos Ridículos fala... e o mundo acredita e ri!...

— Trun, trun... trun, trun... Foi uma lata que amarraram a um cão desconhecido e lá ia ele a ganhar. Não achamos bem e tentamos indagar como foi aquilo mas os senhores faltosos não apareceram. Talvez se fosse para dar algum prémio...

Estas coisas não são bem feitas, pois os animais têm tanto direito de viver como nós. Ora vamos a ver se tal não volta a acontecer.

— Uma casita pequena. Moram lá oito pessoas. Pai, Mãe, cinco filhos, dois dos quais de tenra idade. O vento frio penetra lá dentro pelas frinchas da parede mal segura. A neve em parte penetra dentro pela incerteza do telhado.

Estão a comer um caldo de nabijas e daqui a nada estão numa enchega, metade folhelho e metade palha. Têm fé em dias melhores e eles não-de aparecer.

O pai, se os dias estão bons e há trabalho, vai ganhando uns dias.

Quando chove é preciso abrir um rego para que a chuva saia para fora. A mãe, não pode sair de casa. As crianças tiram de frio. O luar do gélido Janeiro, entra e abençoa este lar, que não maldiz a sua sorte. A luz brilhante caminha e diz-lhes que não estão sózinhos!

— Os da Casa três formaram o grupo do Vasco da Gama e estão prontos a fazer sucesso.

Tal está ao seu alcance, pois tem lá elementos que são de aproveitar. Estão todos animados e o Vasco do Brasil anda na boca de todos pela sua recente vitória no campeonato carioca. Casaca! Casaca! Vasco! Vasco! Vasco!

É por aqui que começam grandes rivalidades e se passam os domingos em desafios renhidos!

— Adriano, Eunice e Aranha são os três da vida airada cá do sítio.

Quem as quiser bem feitas e bonitas, é só deixá-las andar sózinhos. Sempre para a frente. Não há empenos. Bota pró balde...

Ainda há dias queriam fazer uma fogueira, mas se pedissem não tinham sorte. Que é que pensaram?

Sejoão acende o cigarro, Aranha, vê onde põe o isqueiro e vai dizer ao resto da comitiva.

Aparece em cena Sejaquim e a sua cana e é vê-los aflitos:

— Eh pá, fuge!

— Não me estorves!

— Deixa-me pôr a andar!...

Mas não lhes valia de nada pois tinham de prestar contas, como enfim sucedeu. Mas às vezes são os mais pequeninos que dão mais que suar!

— Mais um de novo. Veio do Albergue Distrital do Porto.

Está muito contente, trabalha na ti-

ADQUIRA O LIVRO

«BARREDO»

Pedidos à Editora: — Tipografia da

CASA DO GAIATO - Paço de Sousa

pografia e dá pelo nome de Bojarda.

Ponham-se a pau com o negócio. Ele não quer paleio. É o suplente do Secundino.

— A última sessão de cinema foi muito boa, graças ao Senhor Padre Abel, de Vandoma, que teve o trabalho de aturar o nosso ânimo e as nossas brincadeiras. Mas ficou satisfeito e nós ainda muito mais, como se deve calcular.

Muito obrigado, Senhor Padre Abel e se quiser pode ir pensando noutras sessões que nós, como sabe, estamos sempre prontos!...

— Oh coisa, coisa, empresta-me essa bola...

— Não vou nisso!...

— Mas quando é para ti, queres, não?

— Vai pentear galgos, menino...

— Quando a apañar a jeito fura-ta.

— Não te adianta. Daqui não levas nada!

— Pois olha não sabes quanto perdeste. Nunca mais andas no meu carro!...

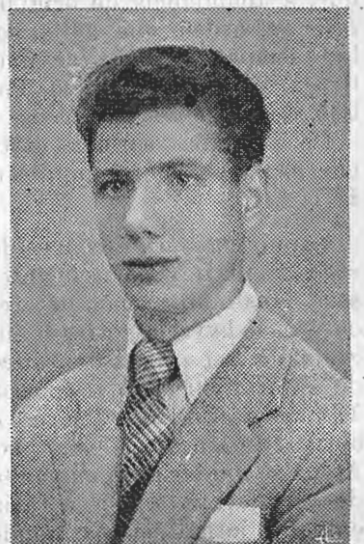
DANIEL BORGES DA SILVA

LAR DO PORTO

— Para começar as notícias do Lar, quero citar em primeiro que tivemos no domingo, dia 28 de Janeiro, as nossas eleições.

Em primeiro lugar fez-se uma pequena escolha para apurar três candidatos e foram eles: João Luciano Fernando Dias e Rui Couto.

Depois da eleição apurou-se o seguinte resultado: Rui Couto, 23 votos,



Rui Couto, 23 votos.

Fernando Dias 9 e João Luciano 6. Ao chefe maior desejamos-lhe felicidades no seu novo posto. Que saiba sempre ser o mais recto possível do maneira a poder agradar a todos.

— No dia 24 matou-se cá em casa um porco que tínhamos criado desde pequeno. O pior foi eu e outros ter que nos levantar às 5 horas da manhã. Agora porém, já há carne fresquinha para se poder dar o gosto ao dente.

— Começaram a fazer-se os peditórios nesta cidade. A primeira igreja a ser visitada foi a dos Congregados que rendeu 6 mil e pouco. Os senhores agora não se esqueçam de ir para a missa com as carteiras bem recheadas. Ou com os livros de cheques. Porque nós não poupamos ninguém e vamos a todos os cantos da igreja.

— Vai agora no mês de Fevereiro para o Brasil o nosso irmão Manuel Henrique (Hélio) que os senhores muito bem conhecem da venda do Famoso. Os nossos sinceros votos de felicidades e oxalá que seja muito feliz por terras de Santa Cruz.

— Lembro agora a conferência, que tem andado um pouco esquecida por parte dos nossos leitores e isso não pode acontecer pois todos os pobres esperam o tão desejado cartão no valor de 10\$00, e sem a vossa ajuda nada podemos fazer.

No Natal demos um bodo no valor de 60\$00 a cada um. E por isso a conta subiu de mais e lá está a mercearia novamente a fazer barulho. Esperamos que os leitores ao acabarem de ler estas notícias que vão à carteira e nos enviem alguns donativos, que nós desde já agradecemos. Caso tenham roupas usadas também aceitamos pois os nossos pobres agora nesta época não nos largam.

João Luciano

Notícias da Conferência da Nossa Aldeia

UMA MÁQUINA DE COSTURA: *Esta é o que se chama dito e feito. Graças a Deus! Lançado o grito aparece logo não o oferente mas oferentes! A primeira a chegar: Uma senhora da Foz do Douro, com uma usada. Depois a Sociedade Luso-Sueca com uma novinha; uma das célebres «Husquarna». Uma moravilha! Dinheiro não falta, também. Registamos 100\$00 de Lisboa e uma carta formidável que passamos a transcrever na íntegra:*

«Em resposta ao pedido contido na notícia junta, remeto 500\$00.

Basta que Deus saiba quem eu sou, razão porque esta carta é anónima e não tem remetente.

Deus permita que chegue às suas mãos.

Peço o grande favor de uma oração para que Deus me tire da vida do pecado. Muito obrigado».

Senhor Jesus, Vós sois testemunha. Testemunha da nossa indignidade. Indignidade, sim. Não somos dignos de receber esta carta, este tesouro, este grito dum alma angustiada pelo pecado. Oh Deus de Israel! quantos e quantos e quantos de nós Vos suplicam a cada instante: Senhor tira-me da vida do pecado! Quantos! É assim o mundo das almas. Um mundo de luta. Luta constante. Súplica constante: «que Deus me tire da vida do pecado».

Abel é que a entregou. Está em casa do Senhor Dias. Dizer o que por lá se passou, não há palavras. «O Senhor Dias não disse nada!». Chorou. Chorou muito. Mas nem uma palavra, Abel?! «Não. Chorou, Chorou muito». Felizes os que responderam ao nosso apelo. Semear alegria no coração dos Pobres é semear para a Vida Eterna.

O QUE RECEBEMOS: Ezequiel Pinto paga o 1.º semestre do ano cor-

rente, 60\$00. Senhora A. F. os 25\$00 do costume. Um senhor Doutor das Caldas da Rainha vai com 50\$00. Alto lá! Muita cautela. Estamos perante uma tira de papel a capear 50\$00, com uma legenda de valor incomensurável: «Embora com sacrifício aliás já compensado pela alegria de dar, que Deus me ajude a contribuir com mais frequência para uma obra tão bela, Zeca». É assim o dar cristão: «sacrifício compensado pela alegria». Assinante 28.272, 20\$00. Idem 12.485, 550\$00. Idem 26.374, 16\$00. Idem 8.058, 25\$00. Idem 14.149, 10\$00. Mais uma carta: «O nosso 5.º filhinho é via 100\$00. Tal como os irmãoszitos é para os Pobres o seu primeiro abono. Junto mais 100\$00 para «O Gaiato», rogando ao Senhor se digno proteger o meu marido na sua longa e demorada viagem e como acção de graças pela maneira extraordinária como o tem livrado das mais difíceis tentações. Uma esposa por vezes angustiada mas confiante». Assinante 13.284, 30\$. Idem 33.337, 20\$00. Idem 17.096, o mesmo, sendo 10\$00 «por alma de sua irmã Joaquina e 10\$00 pelas melhoras de sua irmã Emília». Mais um pequeno rectângulo de papel com 100\$00 e a legenda: «seguinte da amortização da minha dívida, mercê de Deus». Hoje, a coluna vai mui enriquecida: desabafos, súplicas, sufrágios, propósitos. Tudo o que de bom tem a alma. A alma dos nossos leitores. Assinante 4.715, 50\$00. Idem 14.111, 20\$00. Laurindo Teixeira de Almeida, metade. José Diogo Oliveira, mais 20\$00. Manuel Teixeira, do Rio de Janeiro, 50\$00. Outra carta: «Em cumprimento duma promessa feita, envio, por intermédio do Espelho da Moda, um cobertor, dois lençóis, uma travesseira e uma almofada para dar a uma Pobre. Da assinante 17.164». Mais o assinante 19.205, com 25\$00. Mais o n.º 7.988, 20\$00. Mais o n.º 3.911, idem. Mais Aida Viegas Cabral, metade.

Mais outros 20\$ da assinante 7.741. E 50\$ da número 2.128. E 70\$ de Maria Manuela Leite. E 10\$ de Jorge Filipe Pereira. E 100\$ de Georgina Rocha. Cortegaça, 20\$ da assinante 24.362. Gozende, 50\$: «40\$ para duas promessas e 10\$ por alma de uma pessoa muito querida». Da Mariuzinha, do Brasil, 15\$. Assinante 109, de Famalicão, 20\$. Idem do n.º 24.461 de Valadares. Um assinante da Maia, 100\$. 20\$00 da assinante 31.878. Da Farmácia Chão Verde, 11\$ sobras dum pagamento à nossa Tipografia, Leopoldino Pereira: «Para a Obra Vicentina, aqui vai a «receita» do costume referente às cotas do Janeiro e Fevereiro», 40\$. Metade do assinante 25.213, de Gondomar. 60\$ da assinante 24.434, da Beira. Oh calor! 500\$ de Algés, assinantes 22.717 e 22.791. Assinante 1.174, de Carvais, 100\$. Idem 8.644, 30\$. Mais 100\$ do assinante 32.928, de Coimbra. Mais 20\$ de Vila do Conde. E mais nada.

Júlio Mendes

Chales de Ordins

— Continuação da terceira página —

às encomendas. Até aqui não. Há muitos chales em armazém, à espera de freguês. Estes votos de Lamego sejam de todos nós: que os chales de Ordins cheguem a cobrir todos os Pobres de Portugal.

Tenho aqui Viana do Castelo, Porto, Leiria e outra vez Porto: querem a cobrança. É mais cómodo pedir assim. Todavia, deste modo, não serão atendidos. É-me impossível preencher os respectivos impressos dos C. T. T.. Não tenho tempo, nem saúde, nem, por vezes, disposição. Em lugar de ser tudo sobre mim, distribuamos o mal pelas aldeias. Cada um o seu vale. E enviam 125\$ (grandes), 95\$ (médios), e 65\$ (pequenos) ou o que a mais quiserem.

PADRE AIRES